

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CÉSAR HENRIQUE CAPÓIA



**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO E O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

ITAMBÉ
2016

CÉSAR HENRIQUE CAPÓIA

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Professor Marcos Claudio Signorelli

ITAMBÉ
2016

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

César Henrique Capóia¹
Professor Marcos Claudio Signorelli²

¹Professor de Informática na rede pública estadual pelo processo de seleção simplificada (PSS), Graduado em Processamento de dados pela Unicesumar e em Administração pública pela Universidade Federal do Paraná. Pós graduando em Gênero e Diversidade na Escola, atuando na área da educação e na área da informática em empresa privada. E-mail: cesarcapoia@hotmail.com

²Doutor em Saúde Coletiva; Docente da Universidade Federal do Paraná.

Resumo: Este trabalho objetiva definir o conceito de gênero, e apresenta uma breve história de como esse conceito foi evoluindo ao longo dos anos, sofrendo influência de movimentos como o feminista. Por fim veremos que todos nós estamos participando constantemente na construção desse conceito e como isso afeta nosso modo de educar. Usa-se a metodologia de pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Gênero; Identidade; Escola; comportamento.

Abstract: This paper defines what it is the concept of gender, and gives a brief history of how this concept has evolved over the years, undergoing influence of movements such as feminist. Finally we see that all we are constantly participating in the construction of this concept and how it affects our way of educating. It uses the qualitative research methodology.

Key-word: Genre; Identity; School; behavior.

1 INTRODUÇÃO

Desde pequenos, já temos predefinições da nossa identidade sexual. Isso se deve ao pensamento friamente biológico a respeito do papel de cada indivíduo na reprodução da espécie, ou seja, ao se levar em consideração fatores biológicos que formaram os genitais humanos, somos anatomicamente definidos como sexo masculino e feminino, ou homem e mulher. No entanto como deve ou pode se comportar um indivíduo anatomicamente masculino ou feminino?

Em certas culturas, ações ou atitudes que são designadas tradicionalmente para pessoas de sexo anatômico masculino, podem ser designadas para pessoas de

sexo anatômico feminino para outras culturas. Ter um corpo anatomicamente Feminino não significa que a mulher deseja realizar-se como mãe. Corpos anatomicamente masculinos podem expressar gestos tidos como femininos em determinado contexto social. Essa ideia está sendo construída e desde o começo dos anos 1900, surgiram movimentos, como o feminista, por exemplo, que despertaram o mundo para essa questão, problematizando tais dicotomias.

Entre as muitas autoras importantes para o desenvolvimento do conceito de gênero, destacasse a antropóloga norte-americana Gayle Rubin, que em 1975 defendeu a ideia da existência de um sistema sexo-gênero em todas as sociedades. Outra contribuição importante e muito conhecida no Brasil é o texto “GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA”, de Joan Scott em 1989. Esta publicação contribuiu para que pesquisadores da área de ciências humanas reconhecessem a importância das relações sociais que se estabelecem com base nas diferenças percebidas entre homens e mulheres.

Para se localizar na linha do tempo, devemos primeiro recapitular como se encarava as ideias de gênero, em algumas sociedades antigas, a partir de então veremos um pouco do porque pensavam assim e como isso tem mudado. Por exemplo, no Texto “CIDADANIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE TRABALHO”, por Alice Monteiro de Barros (1989 página 38), são abordadas um pouco a visão histórica de como era visto o papel da mulher na sociedade romana e grega, onde as mulheres tinham relevante papel na sociedade. “Às mulheres era conferido o direito de participarem de banquetes, de assistirem aos espetáculos, e eram representadas na pintura e na escultura”. A mesma autora destaca a diferença de pensamento em relação ao pensamento da Grécia Antiga. “Vê-se que, na época etrusca, as romanas não se confinavam nos gineceus, como ocorria com a mulher na Grécia Antiga”.

Além das três citadas acima, o dossiê “FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER” de Céli Regina Jardim Pinto (2010), é muito útil na investigação da história desse movimento. A ligação entre o movimento feminista e a diversidade sexual está na obra DIVERSIDADE SEXUAL - UMA BREVE INTRODUÇÃO de Kelly Kotlinski (2010). O artigo EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL de Nilson Fernandes Dinis (2008), também é muito útil para entender melhor como a construção do conceito de gênero evoluiu muito durante o movimento feminista, esse trabalho também traça uma ponte interessante de como todos os integrantes do processo educacional, estão inseridos na construção da ideia do conceito de

gênero, e como os educadores, mais especificamente podem ajudar seus educandos a se encontrar na linha do tempo.

De acordo com o Sergio Carrara, no texto, EDUCAÇÃO, DIFERENÇA, DIVERSIDADE E DESIGUALDADE (2012); “Além de relações históricas, há em situações bem cotidianas, uma espécie de sinergia entre atitudes e discursos racistas, sexistas e homofóbicos”. Um exemplo talvez banal: se um adolescente ou aluno manifesta qualquer sinal de homossexualidade, logo aparece alguém o chamando de “mulherzinha” ou “mariquinha”. Essa é a aplicação que considero mais prática, na realidade e vivência de um educador, por isso me basearei muito nessa obra.

De que maneira pretendo refletir esse tema? Procurarei me basear, em parte, no livro Projeto DIDÁTICA-ZINE, de Camila Puni (2015). Acredito que essa obra atinge seu objetivo de trazer a reflexão por meio de imagens provocativas ao nosso senso comum. O mesmo livro leva ainda questões que dizem respeito a relações étnico-raciais e, em alguns momentos, “sobre capacitismo, trans-lesbo-homofobia e gordofobia”, segundo ela mesma define.

Inicialmente, buscarei definir o conceito de gênero, para isso cito como referencia o texto Sexualidade, Sociedade e Política, que vimos no módulo III sobre sexualidade e orientação sexual:

A sexualidade, ao contrário do que se pensa, não é uma questão de “instintos” dominados pela natureza ou apenas de impulsos, genes ou hormônios. Tampouco se resume às possibilidades corporais de vivenciar prazer e afeto. Ela é, sobretudo, uma construção (...). A sexualidade envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de quem somos. Esse é um processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas (...). Nascemos dotados de determinadas capacidades biológicas. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso, expressões da sexualidade humana, são tão diversas.
- Gênero, sexualidade e educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004 (1. ed.: 1997)

No dia a dia da educação nós, professores e orientadores pedagógicos, lidamos constantemente com alunos que estão na sua plena formação de gênero, e muitas vezes sofrem consigo mesmo por causa dessas ideias (pré) concebidas. É papel do educador e da equipe pedagógica entender que tal aluno deve se sentir incluso em todo um processo de construção de gênero e que, por tanto, ele não é alguém

inferior. O projeto de pesquisa visa resumir aspectos históricos que contribuíram para que o ser humano evoluísse o conceito de gênero, e nos ajudará a ver onde estamos na ocorrência dos fatos e com podemos contribuir para esse processo de construção de gênero.

1. OBJETIVOS.

OBJETIVO GERAL: Analisar o conceito de gênero. Refletir sobre os benefícios dessa construção histórica para a sociedade bem como determinar as barreiras a serem vencidas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Definir conceito de gênero.
- Pontuar momentos importantes na construção do conceito de identidade de gênero.
- Analisar os avanços e benefícios dessa construção.
- Contextualizar metas que precisam ser alcançadas.

2. METODOLOGIA

Utilizei algo da metodologia do livro da “didática de zine’ que se vale de recortes, e ou desenhos para induzir a reflexão por meio da provocação, Assim sendo de acordo com o texto de DALFOVO (2005 pág. 12) “Dentro de tal conceito amplo, os dados qualitativos incluem também informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeo tapes e até mesmo trilhas sonoras”.

Não tenho a pretensão de definir exatamente o que essa evolução no pensamento do conceito de gênero pode conseguir, porque isso é algo relativo. Por exemplo, nessa pesquisa tenho observado que o que para alguns são benefícios da diversidade de gênero, como por exemplo, a inclusão de personagens transgêneros e homossexuais na teledramaturgia, para outros já não são vistos como algo benéfico. Assim sendo, essa pesquisa não trará resultados concretos que poderão ser traduzidos em números. Relembro que meu objetivo foi induzir o leitor desse trabalho à reflexão de seus conceitos e ações, para que a partir dela ele possa reconhecer seu papel na construção do conceito de gênero.

Também no decorrer da pesquisa, analiso alguns fatores e movimentos históricos que foram importantes na mudança da maneira como se observa o conceito de

gênero. Para isso estou me valendo, é claro, de dados históricos, e até mesmo dados e entrevistas de determinados autores. No entanto, o tema e a essência do que se diz é mais importante do que a quantidade ou os dados em si. Por isso, para tratar de um tema desse tipo opto por usar o método qualitativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Relacionando a Diversidade sexual e conceito de gênero.

A expressão "conceito de gênero" deve ser definida levando em consideração o modo de ver e viver de muitas culturas e sociedades. Embora o conceito de gênero se relacione com as condições anatômicas, a análise de gênero não se deve basear somente nesses preceitos. Embora na biologia as diferenças de gênero se baseiem exclusivamente na determinação dos corpos, as ciências sociais entendem que essas diferenças são socialmente construídas, isso significa que não se deve haver um padrão universal de comportamento sexual para os "masculinos e femininos". Como assim? O gênero da pessoa, ou a identidade de gênero que ela escolhe não se relacionará diretamente com o sexo que nasce. Dito de forma simples; o conceito de gênero foi elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é o elemento definidor das condutas da espécie humana. As culturas criam padrões de comportamento de gênero que estão diretamente ligadas a sua definição sexual genital, essas dimensões estão entrelaçadas, mas não significam que devam ser entendidas assim.

Sobre isso é importante o estudo que o Psiquiatra Norte americano Robert Stoller desenvolve desde 1964, faz um estudo sistemático do *travestismo*, "este termo designa pessoas com sexo masculino, que possuem gênero e identidade social oposto ao seu sexo biológico, e vivem cotidianamente como se fossem alguém do seu gênero de escolha". Ainda assim o Autor explica que essas pessoas, não são, ou não devem ser tidas como cópias de mulheres, mas sim com uma forma alternativa de identidade de gênero.

É impossível falar de diversidade sexual sem enfrentar o debate sobre relações de gênero, conceito este que nos pré-requisita o entendimento de outros dois: sexo e gênero. Sexo refere-se às características específicas e biológicas do aparelho reprodutor feminino e masculino, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. O sexo determina que as fêmeas têm vagina/vulva e os machos têm pênis; apenas isso. O sexo não determina por si só, a

identidade de gênero, e muito menos, a orientação sexual de uma pessoa. Gênero não é um conceito biológico, é um conceito mais subjetivo, podemos dizer que é uma questão cultural, social. Gênero é um empreendimento realizado pela sociedade para transformar o ser nascido com vagina ou pênis em mulher ou homem. Nesse sentido, gênero é uma construção social, é preciso um investimento, a influência direta da família e da sociedade para transformar um bebê em 'mulher' ou 'homem'. Essa construção é realizada, reforçada, e também fiscalizada ao longo do tempo, principalmente, pelas instituições sociais, são elas: a igreja, a família e a escola.

Os valores sociais, morais, as regras de uma sociedade variam de acordo com o tempo, o espaço, os interesses, o nível de conhecimento e a liberdade de questionamento dessa sociedade. Nesta sociedade, gênero refere-se aos papéis sociais diferenciados para mulheres e homens.

Assim podemos entender que a heterossexualidade enquanto uma regra social também é produto de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e continua ao longo de toda a vida. Ou seja, nesta sociedade, se nascer fêmea, será ensinada a cumprir o papel de gênero "mulher", e a ter uma orientação sexual "heterossexual". - Kelly Kotlinski; Diversidade Sexual - Uma breve introdução. (2007)

Neste sentido, sexo, identidade de gênero e orientação sexual são valores ou conceitos fechados, pré-construídos e compartilhados pelas instituições sociais. De tal forma que, se uma pessoa ousar questionar seu próprio sexo, ou tiver outra identidade de gênero além daquela pré-estabelecida, ou ainda que se expresse sexualmente fora do padrão heterossexual normativo, esta pessoa estará, no mínimo, convidando a sociedade a uma "revolução de valores". Pode-se dizer que esta pessoa está pondo em questão, ou problematizando o sistema dominante.

Como vimos, a escolha de gênero independe do sexo anatômico, e os comportamentos de determinado sexo não devem ser padronizados, mas sim adotados de acordo com as preferencias e necessidades (ou então subjetividade) de cada indivíduo. Esse conceito de gênero deve seu desenvolvimento a muitos diálogos, pensamentos e análises críticas ao longo dos anos. Um importante movimento nesse sentido foi o *movimento feminista*.

3.2 O sexo anatômico definindo gênero e comportamento na sociedade grega.

Aqui analisaremos brevemente como o sexo anatômico definia padrões de comportamento na sociedade grega. Por quê? Muito do pensamento europeu e posteriormente ocidental, tem muita influência do pensamento filosófico grego. Desde o conceito do moral, do ético, conceito de alma dualista platônico e etc. O objetivo dessa rápida análise é mostrar como é cultural o modo como tratam e definem padrões de comportamento, baseados no sexo anatômico.

De forma mais abrangente, em todas as famílias gregas, depois da refeição matutina o homem saía de casa e só retornava ao anoitecer, aproveitando boa parte de seu tempo para conversar sobre política, arrumar íntimas amizades ou tagarelar sobre diversos outros assuntos. Já a mulher, por sua vez, ficava dentro de casa, cuidando dos afazeres domésticos ou ordenando os escravos. As escassas vezes que poderiam sair eram para visitar outras mulheres ou ir às festividades culturais da cidade. Mas é claro que isso dependia muito da classe social e da cidade em que viviam a realidade acima e retratada na maioria das cidades camponesas. Os historiadores e pesquisadores, geralmente diferenciam a vida que se tinha no interior e em grandes cidades, habitadas pelo exército, pelo senado e pelos filósofos, como Atenas por exemplo.

No Texto CIDADANIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE TRABALHO, por Alice Monteiro de Barros (1989), são abordadas um pouco a visão histórica de como era visto o papel da mulher na sociedade Romana e grega;

A mesma autora destaca a diferença de pensamento em relação ao pensamento da Grécia Antiga.

“como ocorria com a mulher na Grécia Antiga. A sociedade grega, no período clássico, era vista como um “clube de homens”. Não permitia o acesso da mulher ao saber.”.- CIDADANIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE TRABALHO, por Alice Monteiro de Barros (1989).

O exemplo citado acima pela autora mostra como o conceito de como deve se comportar indivíduos baseados em seu sexo anatômico pode mudar e evoluir de uma sociedade para outra. Ou seja, podemos observar desde aqueles tempos uma

evolução no conceito de comportamento de gênero. De lá para cá, esse conceito de comportamento de gênero tem evoluído ainda mais com movimentos feministas no início do século XIX.

3.3 Como o movimento feminista colaborou para essa evolução?

Não se pode falar de tal ação (movimento feminista) sem mencionar uma importante filósofa francesa, Simone Beauvoir. Em 1949, ela escreveu o livro "SEGUNDO SEXO", e deu início a uma reflexão sobre as desigualdades entre homens e mulheres em detrimento do sexo biológico de cada um. Nesta obra ela postulou o pensamento; "não se nasce mulher, torna-se mulher". Esta afirmação deixa claro que a conduta da mulher não deveria ser ditada apenas pelas determinações relacionadas à sua anatomia, assim ela buscava descartar qualquer determinação natural da conduta feminina.

Qual a importância do Movimento feminista na construção de gênero? Antes do fim do século XIX e princípio do século XX, a maioria das sociedades definia que pessoas de sexo anatômico masculino teriam preferências. Eram os mais bem pagos, politicamente e economicamente mais favorecidos, e mulheres deveriam se comportar e receber tratamentos inferiores. Isso ocorria porque havia padrões definidos de comportamento e de tratamento baseados apenas no sexo biológico. Dos vários e distintos grupos dentro do movimento feminista, houveram os igualitaristas, que lutaram o movimento feminista lutou para igualizar os tratamentos recebidos pelas mulheres, pois o gênero delas poderia ser diferente do que fora antes estabelecido.

Com o tempo, essas ideias ajudaram a quebrar paradigmas. Já poderia se questionar os comportamentos definidos para pessoas de sexo masculino ou feminino. Tal movimento feminista deu uma nova luz a debates a respeito dos *direitos humanos*. A defesa dos direitos humanos pressupõe uma postura política e ética na quais todos têm igualmente o mesmo direito de ser respeitados e tratados com dignidades sejam homens, mulheres, negros (as), branco (as), indígenas, *homossexuais*, *heterossexuais*, *bissexuais*, *travestis*, *transexuais*. Tais diferenças devem ser respeitadas, pois as pessoas têm o direito de exercer seu gênero independente do sexo ou âmbito em que nasceram.

Portanto, é possível concluir que nos últimos 50, 60 anos tem avançado muito na defesa dos direitos humanos, direitos que por sua vez apoiam a liberdade das

definições de gênero. Mas nem sempre é correto dizer que tal movimento começou no começo do século XX, Segundo a autora Shuma Schumacher, juntamente com Érico Vital Brazil, No livro “MULHER, 500 ANOS ATRÁS DOS PANOS” (2007), Neste livro eles defendem que o movimento feminista não se iniciou nos anos 70, mas que desde os tempos das índias, que lutavam contra a violência dos colonizadores. Dessa forma os autores resgatam a memória de mulheres que ao longo dos anos lutam a favor dos direitos femininos na construção do gênero.

3.4 A realidade vivida hoje na sociedade.

Como mostrado até aqui, o conceito de gênero está evoluindo, e o modo como a sociedade define padrões de comportamento estão sendo mudados. Isso deve se em grande medida a políticas públicas que estão sendo construídas para um melhor entendimento do conceito de gênero. Gostaria de dissertar aqui mais a respeito de tais políticas públicas. Antes de abordar algumas das políticas públicas, vamos entender algo chamado “indicador de gênero”, o que é isso?

“Os Indicadores de gênero possibilitam ver com mais clareza a realidade de pessoas que até pouco tempo atrás eram ‘invisíveis’ á sociedade, e que, portanto não dispunham de políticas públicas que as amparavam. Nos últimos anos, os Estados democráticos vêm utilizando dados estatísticos para a elaboração de políticas públicas voltadas para a diminuição das assimetrias de gênero e com vistas ao desenvolvimento. Indicadores em nível global têm demonstrado que as mulheres constituem o fundamento do desenvolvimento humano”.
VERA SOARES; Estatísticas e Indicadores de Gênero (2006).

Os indicadores de “igualdade de gênero” buscam integrar as mulheres no modelo de mundo masculino. Quando se concentram os esforços na recuperação e na valorização da experiência feminina, se tornam necessárias a elaboração de indicadores não androcêntricos em que o bem-estar humano - a sustentabilidade da vida – é o objetivo social e político. A análise sistemática de tais indicadores tem possibilitado mudanças em normas que afetam diretamente a sociedade e tem beneficiado muitas pessoas. Abaixo gostaria de citar os homossexuais.

Desde maio de 2010, casais do mesmo sexo podem inserir o parceiro como seu dependente em qualquer plano de saúde brasileiro, desde que apresente documento registrado em cartório comprovando a união. A mudança partiu da publicação da Súmula Normativa nº12, da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) publicada no Diário Oficial da União, em 5 de maio, que obriga as operadoras a

cumpri-la desde então. Segundo a ANS, os documentos necessários para comprovar a união entre parceiros ficam a critério das operadoras de planos de saúde. Mas a agência ressalva, em nota, que “elas não podem promover exigências abusivas para a referida comprovação”. No Brasil há mais de 31 milhões de beneficiários de planos coletivos, cerca de 73% dos beneficiários de planos de saúde com assistência médica. Essa política pública é muito benéfica, pois é um importante passo no reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo, tal ação oferece proteção justa e igualitária aos direitos de pessoas dos mais variados gêneros, de modo que eles possam ter as mesmas condições usufruídas por casais héteros.

3.5 Como isso afeta nosso modo de educar? Sugestões de dinâmicas para alcançar os objetivos propostos.

Finalmente chegamos ao lado mais prático de todo esse trabalho. Como todas as informações pesquisadas, vão de fato contribuir para uma melhora ou mudança no nosso modo de educar? De que maneiras isso vai ajudar os nossos alunos e o processo de ensino-aprendizagem? E como isso contribui para a evolução do conceito de gênero? Aqui quero expor algumas dinâmicas que faço com meus alunos e os resultados obtidos.

Um exemplo do cotidiano escolar: se um adolescente ou aluno manifesta qualquer sinal de homossexualidade, logo aparece alguém chamando-o de “mulherzinha” ou “mariquinha”. O que poucos se perguntam é por que ser chamado de mulher pode ser ofensivo? Em que sentido ser feminino é mau? Fui educado vendo situações muito parecidas na escola, e desejo combater esse pensamento por meio da reflexão provocativa. Para aguçar essa discussão acho apropriado usar filmes para discutir isso com os alunos em sala de aula. No anexo há um comentário interessante sobre o filme “HOJE EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”

Sobre isso a proposta de usar o filme “Hoje eu quero voltar sozinho”, (No anexo há um comentário sobre o filme) é interessante para suscitar a temática de direitos humanos e diversidade sexual na escola. O filme fazia parte do Cine Educação, programa que exhibe filmes nas escolas em parceria com a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos. Após ter sido exibido em uma sala de aula no Acre, o curta metragem foi confundido com o Kit Anti-Homofobia, material didático preparado pelo Ministério da Educação, cuja distribuição havia sido proibida. Líderes

religiosos do Acre pressionaram políticos da região e conseguiram a proibição do Programa Cine Educação e a exibição do filme nas escolas do estado. A questão da sexualidade é muito complexa, a escola não está preparada para lidar com o tema, e os alunos não estão preparados para não serem preconceituosos. Não podemos nos esquecer que vivemos em uma sociedade machista. Então existe uma série de preconceitos, mas principalmente a homofobia. Na medida em que as pessoas não abordam o tema ou negam-se a falar, estão cada vez mais reforçando práticas discriminatórias e homofóbicas. A invisibilidade com que o tema é tratado, o silêncio da instituição se junta com a violência real dos corredores e dos recreios e faz com que adolescentes e jovens, no momento em que descobrem o desejo por pessoas do mesmo sexo, sintam-se acuados em vivenciar a sua sexualidade e conseqüentemente tendem a omitir a sua orientação sexual, ficando dentro do armário. Se a escola ou o(a) professor(a) não aborda o tema, ou quando aborda desqualifica e estigmatiza as expressões homossexuais, não será na escola que jovens gays, lésbicas e travestis encontrarão uma referência para compartilhar suas dúvidas e incertezas e angústias sobre sexualidade. Também não será no espaço escolar, local onde muitas vezes é motivo de piadas e chacotas dos colegas e não encontra na direção da escola ou no corpo docente um espaço onde ele possa falar sobre a sua sexualidade e vivenciá-la sem o temor de ser julgado. Por todos os motivos apresentados acima, acredito, como educador, que o filme deve ser passado para suscitar esses debates dentro do ambiente escolar.

Baseado na “didática zine”, que visa levar a reflexão por meio de provocação, a imagem na folha anexa e uma montagem simples com duas fotos (uma delas original), onde mostra um esporte que vem ganhando cada vez mais espectadores, o UFC. Tal esporte é muito apreciado por ‘pseudo machões’, os principais protagonistas são tidos como exemplos ou modelos de masculinidade e estão sendo utilizados em campanhas publicitárias de produtos voltados para o mercado masculino, como suplementos alimentares, desodorantes, artigos esportivos etc.

A segunda foto provocou esse parâmetro de que os lutadores são o modelo de masculinidade, pois a maneira como eles atuam nesse esporte e tão corporal que se assemelha a carícias e até mesmo ao ato sexual. A breve legenda satiriza que o sexo gay e como se fosse o UFC sem as roupas. Na legenda está o termo “Pornô”, não devemos ver essa expressão como chula ou de baixo calão, pois o público q

quem se destina (ensino médio) e bastante adepto de tais expressões, e visto que a imagem visa tocar e alcançar a todos, a expressão usada esta bem, colocada.

A imagem junto com a frase abaixo dela, provocou diferentes reações nos alunos, uns não gostaram por achar ofensivo por satirizar um espore que eles são adeptos, na verdade debatemos em sala e chegamos a conclusão de que aqueles lutadores representavam o parâmetro de masculinidade atual, por isso ver esse tipo de montagem satírica, poderia parecer ofensivo. Claro que a maioria da turma considerou isso como apenas uma brincadeira. Mas o objetivo e esse mesmo; Quebrar o paradigma dominador masculino

Por fim outra ferramenta que utilizei foi o vídeo de uma campanha promovida pela organização AD Council nos Estados Unidos sintetizou de maneira criativa e emocionante o que muitas pessoas ainda teimam em não perceber; no fim, somos todos iguais. (pode se encontrar tal vídeo o link <https://www.youtube.com/watch?t=151&v=PnDgZuGhHs>).Intitulada “Love has no Labels”, algo como Amor não tem rótulos, a campanha que visa combater toda a forma de preconceito chamou atenção nas redes sociais com um vídeo (link esta abaixo) que mostra pessoas compartilhando momentos de carinho atrás de uma grande tela que simula um leitor de raio-x. Quando as pessoas se revelam diante do público, as surpresas e reações exploram nossa carga de preconceito, racial, de gênero, de idade, religioso. Saem do telão casais gays; crianças de raças e religiões diferentes, pessoas de todas as idades, após o publico vibrar com as demonstrações escondidas pela tela, muitas se impressionam quando veem que estava por detrás dela. Sem duvida esse é um vídeo que podemos utilizar nas escolas para debater e desenvolver os debates de conceitos de gênero entre os alunos.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da sexualidade é muito complexa, a escola nem sempre está preparada para lidar com o tema, e os alunos precisam estar mais preparados para não serem tolerantes para lidar com o preconceito. Ainda assim, é claro o fato de que vivemos em uma sociedade historicamente machista, por isso há muitos preconceitos que precisam ser vencidos, sobretudo a homofobia.

Na medida em que as pessoas não abordam o tema ou negam-se a falar, estão cada vez mais reforçando práticas discriminatórias e homofóbicas. A invisibilidade com que o tema é tratado, o silêncio da instituição se junta com a violência real dos corredores e dos recreios e faz com que adolescentes e jovens, no momento em que descobrem o desejo por pessoas do mesmo sexo, sintam-se acuados em vivenciar a sua sexualidade e conseqüentemente tendem a omitir a sua orientação sexual, ficando dentro do armário.

“Se a escola ou o(a) professor(a) não aborda o tema, ou quando aborda desqualifica e estigmatiza as expressões homossexuais, não será na escola que jovens gays, lésbicas e travestis encontrarão uma referência para compartilhar suas dúvidas e incertezas e angústias sobre sexualidade”. - Texto publicado no jornal Mundo Jovem, edição nº 417, junho de 2011, página 20.

Também não será no espaço escolar, local onde muitas vezes é motivo de piadas e chacotas dos colegas e não encontra na direção da escola ou no corpo docente um espaço onde ele possa falar sobre a sua sexualidade e vivenciá-la sem o temor de ser julgado.

Tenho e tive alunos meninos que tem certas atitudes femininas, independente da orientação sexual que manifeste, ou da identidade de gênero com a qual ele irá se identificar, estes(s) aluno(s), precisa entender que ele não é uma anomalia, nem algo a ser evitado, mas sim alguém que pode participar na construção do conceito de gênero, os demais também precisam compreender isso. Se tal aluno sai de uma família que não tem suporte cultural, social, nem humano para aceitar essa ideia, cabe sim ao professor e equipe pedagógica dar esse suporte. Por isso conhecer melhor e saber que a ideia do conceito de gênero esta evoluindo ajuda o docente e pedagogo a se engajar nesse processo.

Concordamos que para exercer a docência, ter conhecimento técnico ou específico da área não é o diferencial. Há que se articular os saberes da área de conhecimento, os saberes pedagógicos, os saberes didáticos e os saberes da experiência. Isso porque o contexto das aprendizagens não é mais o mesmo.

6.0 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAFOLVO, Bárbara Buffon. **Abordagem de gênero na escola**. In: 1º PIBIDSUL / PARFORSUL / (2005) disponível em <http://www.even3.com.br/anais/pibidsul/23905-abordagem-de-genero-na-escola>

BARROS, Alice Monteiro de – **Cidadania, relações de gênero e relações de trabalho** de (1989).

BEAUVOIR, Simone – **"Segundo sexo"** (1949).

CARRARA, Sergio – **Educação, diferença, diversidade e desigualdade** (2006).

DINIS, Nilson Fernandes – **Educação, relações de gênero e diversidade sexual** (2008).

KOTLINSKI, Kelly – **Diversidade sexual - uma breve introdução** (2007).

OLIVEIRA, N. M.; ESPINDOLA, C. R. **Trabalhos acadêmicos: recomendações práticas**. São Paulo: CEETPS, 2003.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia científica: abordagem teórico-prática**. 10 ed. ver. atual. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PINTO, Céli Regina – **Feminismo, história e poder** (2010).

PUNI, Camila – Livro **Projeto Didática-zine, de Camila Puni**.

REGINA, Celi – **"Feminismo, história e poder"** (2010).

SCHUMAHER, S. BRAZIL, E.V Schumacher, **"Mulher, 500 anos atrás dos panos"** (2007).

SCOTT, Joan – **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"** (1989).

SOARES, Vera – **"Estatísticas e Indicadores de Gênero"** (2006).

STOLLER, Robert – **"Um estudo sistemático do travestismo"** (1964).

VOZES. Ed Petropolis – **"Gênero, sexualidade e educação"** (2004), (1. ed.: 1997)

ASSINATURAS DOS RESPONSÁVEIS

Acadêmico: César Henrique Capóia

Orientador: Professor (a) Marcos Claudio Signorelli

Maringá / 2016